

# DINÂMICA DAS COVINHAS: INTERESSES E MUDANÇAS EM UM SANTUÁRIO POPULAR

*Irene de Araújo van den Berg Silva<sup>1</sup>*

## RESUMO

O trabalho objetiva analisar a dinâmica das Covinhas (Rodolfo Fernandes-RN) a partir das relações de conflito e mudança que se apresentam no santuário, entendendo-as como faces interligadas e decisivas que vinculam posições e relações entre os sujeitos com as reconfigurações e ressignificações do espaço e das práticas rituais que lá se processam. O complexo das Covinhas deriva do mito que enreda o lugar e que o significa a partir do marco referencial indicado pela disposição da suposta sepultura de duas crianças martirizadas na grande seca de 1877. Embora essa narrativa da tragédia esteja entrelaçada na memória local, foi apenas ao longo dos últimos 30 anos que esse espaço se constituiu como estrutura e referência religiosa da região, sobrepujada simultaneamente pela assunção popular da santidade das Meninas das Covinhas. Não obstante, é necessário entender que esse processo de invenção e promoção do santuário não aconteceu de forma espontânea, mas a partir da ação de sujeitos sociais que se inserem sob diferentes modalidades na produção e na fenomenologia do espaço. Nesse sentido, a compreensão do processo de invenção daquele lugar enquanto santuário popular implica a percepção do adensamento do mito que se constrói, sobretudo e articuladamente, a partir das ações, interpretações, discursos e performances dos sujeitos que se encontram lá envolvidos. Vale destacar ainda que esta comunicação reflete parte do trabalho etnográfico consolidado na forma de tese de doutorado que privilegiou as Covinhas como campo de análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** santuário popular; etnografia; invenção; tradição.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. ([iavdberg@yahoo.com](mailto:iavdberg@yahoo.com) ou [irenearaujo@uern.br](mailto:irenearaujo@uern.br)).

## **Dynamics concerning the *petites graves*, i.e. - two martyrized maidens supposed graves - interests and changes in a popular sanctuary**

### **ABSTRACT**

This Work aims at analyzing “Covinhas”, i.e. *petites graves*, dynamics (Rodolfo Fernandes – RN) departing from conflict and change relations that can be found in the above-mentioned sanctuary, understanding them as interconnected and decisive faces that link positions and relations among the subjects/people with the ritual space and resignifications that practices reconfigurations that there are processed. Covinhas’ complex proceeds from the myth that involves this place and what it means departing from the frame of references indicated by two martyrized maidens supposed grave disposition in 1877<sup>th</sup> big drought. Although this tragedy tale would be interwoven in the local memory, it has been only alongside of thirth (30) years that this space has become that region religious structure and reference surpassed at the same time by the Meninas das Covinhas, i.e., *petites graves* maidens holiness popular assumption. Notwithstanding, it become necessary understanding that this sanctuary invention process and promotion has not occurred through a spontaneous way, but departing from social subjects/people action that are inserted under different modalities in the space production and phenomenology. In this perspective, that place invention process understanding as a popular sanctuary implies the perception concerning the myth thickening that is constructed, overall and in an articulated way, departing from the social subjects/people actions, interpretations, discourses and performances that are found there involved. It is still worthwhile emphasizing that this paper reverberates the ethnographic work part consolidated in the Doctor’s Degree thesis form that has privileged the “Covinhas” – *petites graves* – as an analysis field.

**Key words:** popular sanctuary; ethnography; invention; tradition.

## **Introdução**

O santuário<sup>2</sup> das Covinhas está situado em Rodolfo Fernandes, município da região Oeste do Rio Grande do Norte, que dista 390 km da capital Natal e faz fronteira com o Ceará. Ali, todos os anos, é realizada a já tradicional festa das Covinhas no dia 12 de outubro, celebra-

---

<sup>2</sup> Esta terminologia é utilizada para definir o conjunto de equipamentos e estruturas físicas que se distribuem no entorno da capela e que formam uma unidade integrada distinta do restante da propriedade em que se localiza, inclusive pela delimitação física da cerca. Entretanto, embora se recorra ao termo, esta não é uma categoria utilizada para definir o lugar no repertório nativo dos frequentadores.

ção que atrai alguns milhares de pessoas seja por razões de fé, seja por motivos de ordem mais profana. Cabe destacar também que a festa das Covinhas vem projetando-se e consolidando como referência no calendário social e religioso da região em que se situa.

O lugar conta com uma capela, marco principal do espaço, mas o santuário é composto por um complexo que abrange além dessa, um cruzeiro, dois galpões cobertos, com duas salas em um deles, os banheiros, um reservatório de água e uma grande área livre, ocupada por barracas de comércio e estacionamento de veículos. Todo esse espaço é amplamente utilizado porromeiros e visitantes no dia da festa, mas também é frequentado com menor intensidade ao longo de todo o ano.

Embora não seja um conjunto arquitetônico de destaque, tampouco uma devoção de grande envergadura, o interesse pelo santuário emergiu da constatação de ser o culto às Meninas das Covinhas um fenômeno razoavelmente organizado, com um público expressivo deromeiros que vem crescendo ao longo dos trinta anos de existência do lugar, mas que seu fomento independe de qualquer forma de incentivo oficial, seja por parte da instituição religiosa, seja por parte do poder público local. Dessa maneira, o culto que assume uma relevância do ponto de vista regional é uma produção que se dirige a um personagem não canônico, tanto quanto se produz ritualmente a partir de formas heterodoxas, incluindo-se, assim, no rol das devoções adjetivadas como populares. Pesquisando esse cenário, emergiu a intenção de compreender como se produziu esta devoção e quais as relações que a sustentam. Desse interesse, portanto, resultou a produção de tese de doutorado<sup>3</sup>, de onde deriva este artigo.

A título de justificativa vale destacar que o campo das Covinhas é extremamente denso e rico em relações, conflitos e práticas, todavia, em razão do recorte necessário à apresentação desta comunicação, o

---

<sup>3</sup> SILVA, Irene de Araújo van den Berg. As Covinhas: práticas, conflitos e mudanças em um santuário popular. Tese de doutorado. PPGCS-UFRN, Natal, 2010.

presente artigo irá explorar mais detidamente os processos de invenção do espaço enquanto lócus de dinâmica das Covinhas.

## 1 Uma breve apresentação do lugar e sua história

A capela das Covinhas se localiza a 6 km da sede do município e seu acesso se dá através de uma estrada improvisada que passa por dentro da fazenda Sossego, propriedade de 450 hectares, onde está abrigado o santuário. No trajeto em direção à capela, está a casa do Sr. Raimundo Honório Cavalcanti de Oliveira, conhecido popularmente como Seu Bento<sup>4</sup>, que, além de proprietário da fazenda, acumula os papéis de idealizador do santuário e de organizador da festa das Covinhas.

A biografia de Seu Bento se confunde com a do santuário. Tudo começa com uma doença no mês de agosto de 1980, quando, após ter sido acometido por uma grave e misteriosa moléstia, que deixou suspeita e dividida uma extensa equipe médica de um dos principais hospitais de Fortaleza. Seu Bento foi submetido a vários e penosos exames e tratamentos, não atingindo melhoras, e tampouco obteve consenso clínico acerca do diagnóstico da doença que o afligia. Ao longo de alguns dias e muitos sofrimentos, ele afirma experimentar três visões, numa delas ele afirma que uma mulher acompanhada de duas crianças administra procedimentos em seu leito hospitalar.

Percebendo que as mensageiras taumatúrgicas não faziam parte da equipe médica que o vinha acompanhando sem sucesso, o enfermo interpreta serem as meninas visitantes as crianças das quais ele ouvira falar em um antigo relato narrado a ele por sua avó, ainda na

---

<sup>4</sup> Por ter nascido no dia desse santo, sua mãe, embora lhe tenha colocado o nome de Raimundo, ficou chamando-o por Bento. Disso resulta que, em Rodolfo Fernandes, as pessoas o conhecem por Bento Honório ou Seu Bento. Utilizo, portanto, o último vocativo para mencioná-lo ao longo do trabalho, uma vez que esse é o cognome de predileção usado pelos romeiros no santuário.

infância. Na história, Mãe Cândida, contava que, quando passavam pela região, onde atualmente é de Rodolfo Fernandes, um grupo de retirantes oriundos do Ceará com destino para Macau ou Areia Branca, portos onde a coroa imperial distribuía víveres para os flagelados da grande seca de 1877, duas crianças morreram. O local da tragédia, conforme referência da anciã, situava-se em terras que, à época da doença de Seu Bento, faziam parte da propriedade que ele próprio adquirira no ano de 1953. E, embora não houvesse indícios materiais ou registros dessas mortes, a história do martírio das crianças marcou a memória de Seu Bento, de sorte que seria ele o responsável por tornar evidente o episódio da tragédia, mesmo já tendo transcorrido mais de cem anos desde a suposta data do acontecimento.

Com as visões, Seu Bento faz a promessa de plantar uma cruz e, ainda no hospital, ele sonha com o lugar onde as Meninas haviam morrido. Quando regressa para casa, não tarda a procurar e encontrar as pequenas covas. Em seguida à aposição da cruz, ele se dispõe a construir uma capela para abrigar a memória das Meninas e registrar a grandeza do poder milagroso das crianças-mártires.

Em meados da década de 1980 a capela é construída por intermédio e articulação de seu idealizador, além de contar com a ajuda de pessoas de Rodolfo Fernandes e de algumas outras comunidades. No relato de Seu Bento, todas essas pessoas aparecem como beneficiadas por milagres que se seguem ao seu próprio. Como não existem registros formais acerca da capela, nem mesmo do seu processo de construção ou beneficiários, a história do lugar passa a ser aquela contada incansavelmente por seu mentor e que, por seu turno, passa a ser reproduzida, em segunda mão, pelos frequentadores que a ouvem. Em suma, a história relatada por Seu Bento assumiu, paulatinamente, para os partilhantes do culto, um status factual.

## 2 Do mito à invenção: as covinhas como produção de seus agentes

A narrativa do milagre de Seu Bento precipita a constituição do espaço do santuário, no entanto, ela não é a narrativa exclusiva do que significam as Covinhas. Existe o substrato recuperado de uma memória local relativamente socializada, que substancializa a experiência do prodígio e da cura: as Meninas que morreram de fome e sede em 1877. É a partir, portanto, desse consórcio que ambas as narrativas participam da invenção das Covinhas, seja como processo, seja como produto.

Como processo, as Covinhas emergem enquanto investimento simbólico (divulgação do milagre, formalização do culto, das personagens-santas, articulação de crenças e representações enraizadas tanto no imaginário, quanto na memória etc.) e prático (a mobilização dos primeiros romeiros, a constituição de uma rede de colaboradores, a construção das estruturas físicas do santuário) de vários sujeitos que se integram como promotores do culto e do espaço. Por outro lado, enquanto produto, o conjunto santuário-piedade aglutina as formas dinâmicas de experiência de um espaço, bem como conforma os delineamentos das atividades rituais que nele ou a partir dele se realizam.

Nesse contexto, Seu Bento desponta como sujeito proeminente que atua em prol da constituição daquilo que ele mesmo segmenta como sendo uma obra física (o santuário em si) e espiritual (a promoção do culto). Todavia, Seu Bento não está sozinho nesse processo, ainda que sua participação seja decisiva em algumas situações. Isso permite perceber que, integrado à lógica daquilo que Hobsbawn (2006) chamou a invenção das tradições, a produção das Covinhas não se encerra enquanto um produto acabado, mas em constante fabricação (CERTEAU, 1994). Nessa medida, o processo de produção do santuário está atravessado pelas inúmeras leituras e releituras que outros sujeitos, além do próprio Seu Bento, fazem num movimento de atualização do culto.

Hobsbawn inicia seu célebre texto afirmando que “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas” (2006, p. 9). No caso das Covinhas, ainda que a emergência do santuário e do culto propriamente seja um acontecimento relativamente recente, contando em torno de trinta anos, a percepção de muitos dos sujeitos que frequentam o lugar tende a considerá-lo como algo já tradicional e, em certa medida, antigo. O produto, nesse caso, é resultado de uma tradição.

A relação entre antigo e recente, quando se analisa o que acontece nas Covinhas, pode ser pensado pelo menos em duas direções que se complementam: a primeira é a inserção do santuário e suas relações em um *continuum da piedade popular*, o qual faz ligar as Covinhas a um arcabouço de práticas e operações que ultrapassa a sua temporalidade histórica. A segunda diz respeito propriamente ao *estabelecimento* do santuário enquanto referência religiosa local, que, ao sedimentar-se, tende a distanciá-lo temporalmente do presente, situando-o num tempo mítico.

Os contornos da piedade que marcam tanto a festa como a rotina das Covinhas permitem situar esse espaço enquanto lócus que reproduz, em grande medida, disposições e práticas que são comuns em muitos dos santuários cristãos. As relações com os santos, as formas de prece, a pactuação de promessas e o seu pagamento, a deposição de exvotos, a entrega de ofertas, as performances rituais, a romaria em si, entre tantas outras facetas, são algumas das possibilidades que tanto se verificam nas Covinhas, quanto constituem um repertório relativamente ordinário dos santuários populares. Essa espécie de redundância ritual está sendo aqui chamada de *continuum da piedade popular* e seu caráter repetitivo tem na dimensão da tradição, da convenção, da instituição de algumas práticas, as razões que lhe explicam a reincidência. Assim, um santuário popular para figurar com o status que o equivalha nessa condição pressupõe quase que necessariamente a existência daquela “paleta” ritual em sua vivência.

Nessa medida, embora acionado a partir de um enredo, sujeitos e relações que lhe são singulares, as Covinhas, em última instância, presentificam uma tradição que ultrapassa sua dimensão espacial, temporal ou semântica. Assim, ainda que seja possível encontrar uma história, uma festa ou uma capela que se vinculem a um contexto específico, por outro lado, o *continuum da piedade popular*, que alimenta a experiência é algo que não lhe é privilégio. Com isso, ir às Covinhas é uma possibilidade de pôr em curso uma forma de engajamento religioso que é tradicional, que não foi instituída pelo ou para aquele santuário em particular, mas que existe desde sempre. As Covinhas, portanto, redundam o que tradicionalmente qualquer outro santuário também tem, seja ele o Bom Jesus da Lapa, o horto do padre Cícero, o Canindé ou qualquer outro de caráter mais localizado.

O segundo aspecto que leva à percepção da antiguidade e, por conseguinte, da tradição se produz num movimento muito mais local que disperso. Embora, relativamente recente, as Covinhas contaram com um investimento intenso na sua produção enquanto marco religioso de referência local. Entre os aspectos que colaboraram para isso é possível mencionar, em âmbito mais geral, o *policentrismo*<sup>5</sup> (FERNANDES R. C., 1994) e uma conjuntura religiosa favorável, enquanto, na singularidade do santuário, aparecem as estratégias de organização e divulgação do culto, além da articulação e empenho de Seu Bento. Todos esses fatores concorrem para estabelecer as Covinhas enquanto um lugar da tradição. No entanto, do ponto de vista simbólico, há ainda um último aspecto que encerra essa condição: é a exitosa relação do mito enquanto narrativa instituinte.

Nas palavras de Seu Bento, a história das Covinhas começa no tempo dos antigos, quando “aquele povo velho sabia”. Numa entrevista, ele introduz a narrativa com a contextualização do ano da tragédia, 1877,

---

<sup>5</sup> Noção que sintetiza o caráter segmentador do catolicismo brasileiro. A partir dessa ideia, Fernandes (1994) defende que o catolicismo brasileiro se projeta num movimento de regionalização dos seus santuários, os quais exercem incontestemente influência em suas áreas de abrangência.



como “no tempo da grande estiagem”. A invocação desse tempo anterior, primordial, “quando tudo era escuro”, “quando não tinha energia”, faz remeter a uma distância temporal profunda e qualitativamente distinta do tempo histórico do santuário. Com isso, a invenção da tradição, mesmo constituindo processo recente, enraíza-se na percepção de uma antiguidade que por natureza a justifica.

Com efeito, para além da tradição como produto que é alvo de interpretações, é possível rastrear a constituição do santuário enquanto invenção no sentido estrito que a conceptualização proposta por Hobsbawm afere:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. (2006, p. 9)

A partir do que sintetiza a conceptualização, é importante ver no caso das Covinhas como ambas as narrativas instituintes se implicam de modo a proporcionar um ordenamento do lugar. Elas se ocupam intensamente, através da pessoa de Seu Bento, de imprimir numa dada geografia os sentidos e a lógica de uma percepção que heterogeneiza o espaço, naquilo que Eliade (2001) chamou de *sacralização*.

Inicialmente o que se oferece enquanto dispositivo precursor do ordenamento é o episódio trágico da morte de duas crianças inocentes e “arretirantes”, cujas referências se encerram por aí. Em decorrência do acontecimento, os anjinhos<sup>6</sup> são ali enterrados, tal como abandonados por quem lhes devesse obrigatoriamente certa atenção ritual.

---

<sup>6</sup> Expressão que costuma referir as crianças que morrem com pouca idade, assim, não são chamados defuntos ou mortos, mas anjos. Cascudo registra que “o recém-nascido, que não foi amamentado e morre batizado, não participando, portanto, de alguma coisa deste mundo, é um serafim, anjo da primeira jerarquia celestial, e vai ocupar um

Seus pais teriam rumado em direção ao objetivo inicial que colocara todo o grupo em movimento: receber mantimentos que, naquele período, era distribuído nos portos por determinação da coroa imperial.

Abandonadas à sua própria sorte, enterradas num ermo distante, a tragédia das crianças permaneceria registrada na memória de Mãe Cândida, que à época já tinha 10 anos e entendimento suficiente para compreender os acontecimentos. Além dela, o episódio permanece vivo na memória local ainda que de forma subliminar. Embora perdidas no meio do mato e inacessíveis a tantos interessados que lhe perseguiram, a área ficou conhecida na comunidade como Covinhas. Foi notadamente pela voz dos vaqueiros, personagens errantes e misteriosos que desbravam a terra inóspita à procura de animais perdidos, que aquele espaço inicialmente ganhou vida: “encontrei lá nas bandas das Covinhas”.

Na infância, Seu Bento ouvira por vezes a história contada pela avó, durante as sessões de trancoso<sup>7</sup> ou ainda quando em resposta às interpelações dos netos: “vó, que clarão é aquele que aparece aculá?”. O clarão, conforme Seu Bento, era a manifestação do lugar das covas, era sinal prestidigitador do porvir daquelas terras<sup>8</sup>.

---

lugar entre seus iguais; o que recebeu amamentação e as águas do batismo é simplesmente um anjo, porém, antes de entrar no céu passa pelo purgatório, para purificar-se dos vestígios da sua efêmera passagem pela terra, expelindo o leite com que se amamentou; e o que morre pagão fica eternamente privado da luz e glória celestiais, e vai habitar as sombrias regiões do Limbo (1980, p. 39). Acerca desse tipo de morte há todo um investimento simbólico que a significa, instituindo por seu turno um conjunto de formas e disposições rituais bastante particulares ao tratamento desses episódios. O trabalho de Vailati (2002) é muito interessante e elucidativo no que tange as representações e práticas dessa expressão, cujo registro o autor recupera através de toda uma literatura de viagem dos século XVIII.

<sup>7</sup> Histórias que evocam um fabulário misterioso e temeroso.

<sup>8</sup> Durante a pesquisa, uma romeira fez alusão à anterioridade narrativa de Mãe Cândida, quando explicava que a razão de aquele clarão aparecer nessas bandas eram “as coisas de Deus. As luzes apareciam aqui que era pra poder descobrir esse mistério”. Na percepção da romeira, o mistério que sondava o lugar forçava a sua descoberta, todavia, é apenas com a doença de Seu Bento que isso vai se concretizar.

As covas estavam situadas no interior das terras que foram de seu bisavô, mas que tempos depois fora vendida a diversos proprietários. Não intencionando pelas Covinhas, mas por reconquistar as terras que outrora fora de sua família, Seu Bento finaliza com sucesso a sequência de compradores que se interessaram por aquelas paragens da Sossego. Não imaginava àquela altura, em 1953, que quase trinta anos depois aquele chão seria um divisor em sua vida e na da comunidade.

Quando cai doente, em 1980, Seu Bento, surpreendentemente, experimenta a visão das Meninas que ele ouvira falar desde a infância e, naquele momento, faz a elas uma prece. Nos dias seguintes, ele sofrerá as mais intensas dores e padecimentos e é por meio deles que revive a tragédia das crianças: oito dias clamando por água e sem poder tomar uma gota que fosse dela. Sucede-lhe, porém, de experimentar novas visões, uma de ordem mais interventiva, quando as crianças lhe administram cuidados, enquanto a outra é de natureza mais prescritiva. A última consiste na clarividência das coordenadas das Covinhas: a cova, a ipueira, as coisas deromeiro.

A voz da avó àquele momento se assoma ao sonho, reverberando a autoridade de quem de fato conheceu, viveu o tempo da tragédia: “minha avó contava que quando o tempo veio, que o povo criava... o gado fizeram razero(sic) no lugar onde as Meninas morreram. Então fizeram uma ipuerinha”. Ninguém mais autorizado para atestar a veracidade da história e oferecer os indicativos que orientam a identificação do lugar que Mãe Cândida: “Ela tinha dez anos. E ela contava a história. Num é uma coisa inventada, não. Coisa de eu ouvi dizer, não.”. Do cruzamento das informações, Seu Bento pode comparar o que lhe diz o discurso factual<sup>9</sup> da autoridade, ao lado da vívida experiência do sonho. Com isso, ele, assim que retorna de Fortaleza, busca as Covinhas e, finalmente, após infrutíferas investidas de terceiros, chegar ao lugar ambicionado:

---

<sup>9</sup> Factuais, pois o testemunho da avó faz suas informações conquistarem esse status.

E com aquela fé de que eu encontrava, chamei duas pessoas e vinhamo pra qui e eu encontrei. Do mesmo jeito da visão. De quando eu vi as cova. Onde eu vi as coisas deromeiro... (SEU BENTO R. H., 2009)

Vencido o primeiro obstáculo, o de localizar fidedignamente o lugar das covas, Seu Bento lança a estrutura que antecipa o santuário: o cruzeiro. O marco foi plantado no local onde inicialmente ele pressupõe ser o da morte: “É porque lá eu encontrei umas coisa de retirante. Aí eu fiquei imaginando será que elas morrerão aqui?”. Com um tempo, Seu Bento se apercebe de que havia mais adiante a cova, marcada pelas pedras e só então “eu vi que eles enterraram cá.”. Diante das duas referências, as coisa de retirante e o monte de pedras, Seu Bento resolve-se por estabelecer dois marcos: um que referencia as Meninas e que dá as bases para a construção da capela, enquanto o outro, o cruzeiro, demarca a memória dos retirantes-pais que partiram para não mais voltar.

Os acontecimentos que sequenciam a descoberta das covinhas são decisivos para a constituição das Covinhas enquanto santuário propriamente. Ainda que inicialmente a intenção e o compromisso de Seu Bento se limitem a fazer um cruzeiro e construir uma cova, proporcionando dignidade e acompanhamento ritual àquelas que ficaram abandonadas por tanto tempo, o descobridor sente-se chamado como alguém em especial para fazer daquele espaço e sua tragédia algo muito maior.

É. Mas... Deus mostra. Ele manda na Terra e escreve por linhas tortas. Porque ele... eu fico pensando que naquele lugar uma mãe viu suas duas filhinha morrendo de fome e sede na sua presença. Pai e mãe embora... Enterraro aqui pra nunca mais... passaro cem ano, sem assistência (emoção)... aparecê uma pessoa que alcanço a graça. (SEU BENTO R. H., 2009)

Seu Bento, então, assume o papel de um enviado que recebeu através do milagre a incumbência de cuidar, zelar do local, mas, para além disso, promovê-lo em toda sua potencialidade. Não tarda, o conhecimento público do desfecho de sua doença misteriosa ganha adesão.

Segundo ele, movida pela providência divina, uma vez que sem chamar ou fazer qualquer propaganda começaram a aparecer os primeiros romeiros. Esses, por sua vez se dispunham voluntária e despreziosamente a contribuir com a obra do santuário “Eu nunca fiz campanha aqui na cidade. Nunca, fiz leilão, fiz bingo, nunca fiz nada. Isso aqui é uma romaria.”

Em pouco tempo, aquilo que outrora fora um ermo, isolado e abandonado, torna-se um dos focos de peregrinação das circunvizinhanças, o qual, inclusive na sua emergência, era alvo de descrédito, sobretudo, da igreja.

O primeiro padre foi o padre de Portalegre que veio celebrá. Ai eu tava cavando os alicerce aqui. Ai vim mostrá a ele. Ele chegô, olho... Disse: -Mas tá grande! Pra quê isso? Devia sê uma igrejinha mais pequena!. Aconteceu que a primeira missa que ele veio celebrá aqui na igreja foi ... ainda não tinha nem porta... quando ele chegou viu a multidão. - E agora? Vou celebrar campal, que na Igreja não cabe. Eu disse: - o senhor não disse que era pequena [emenda] que era grande... Ele achou graça. Aquilo é porque ele pensava que nunca ia vir ninguém aqui. (SEU BENTO R. H., 2009).

A compreensão do padre e sua percepção do lugar estavam duplamente equivocadas. Primeiro, pela certeza que a experiência do milagre plantara no coração de Seu Bento. Se as Meninas foram poderosas a ponto de o curarem e usarem-no, por meio da provação, para instituir aquele espaço, a razão óbvia era de que aquele seria um lugar de êxito, um lugar de milagres. Por outro lado, do ponto de vista da evidência conjuntural da atualidade do santuário, aquele padre talvez não pudesse imaginar a envergadura popular que aqueles primeiros alicerces fomentariam, a tal ponto que hoje o santuário se constitui um espaço de inflexão e disputa entre Seu Bento e a instituição católica.

No processo de invenção da tradição existe ainda um elemento muito significativo do ponto de vista da produção do culto e das relações da piedade: é o “retrato” das Meninas que repousa afixado na parede

central do altar. O retrato é uma pintura óleo sobre tela, com dimensões aproximadas de 50x80cm. O quadro registra a imagem de duas fisionomias femininas que emergem em meio a uma paisagem alaranjada, flutuando acima de um monte de pedras, encimado por uma cruz e um ramalhete de flores viçosas. Ainda compondo a cena, está um pote de cerâmica ladeando o monte de pedras.

O artista preocupou-se em produzir um efeito visual da paisagem, oferecendo pela perspectiva a sensação de amplitude de uma campina limitada ao fundo por uma densa vegetação espinhosa. Também como elemento do segundo plano está a graduação de cores e a disposição de nuvens na parte posterior das figuras humanas, que permite um efeito esfumado, que remete a uma aura mística em torno das personagens ali representadas. As figuras humanas pintadas pouco guardam de traços infantis a não ser em suas proporções. Além do que seus cabelos finamente arrumados e os brincos que emergem, através das mexas do penteado, distingue-as da imagem de pobreza e sofrimento que o mito evoca.

É, porém, no plano da paisagem e dos objetos retratados no quadro onde estão representados os motivos que fazem ligar a obra ao martírio. Conforme , Seu Bento, o “retrato falado” (SEU BENTO R. H., 2007) que está na capela é obra de um artista de Fortaleza que chegou às Covinhas logo nos primeiros momentos do santuário, acompanhando um mecenas que lhe contratara o trabalho. A intenção daquele empresário cearense era poder com a obra pagar uma promessa feita às Meninas. Nas Covinhas, porém, ficou à cargo de Seu Bento descrever as personagens e caracterizar a paisagem em consonância com as imagens que ele visualizara em sonho.

De acordo com o que viu oniricamente, Seu Bento, portanto, proporciona ao artista a possibilidade de adensar sua produção a partir da inclusão do pote que é integrado à cena, constituindo a metáfora pela qual é possível ler a condição de sede e fome que vitimou as crianças. As flores, provavelmente, remetem à vida e à permanência da memória das Meninas.

A composição apresentada foi alçada por Seu Bento na constituição do espaço como a representação fidedigna (o retrato falado) das Meninas e do cenário que ele vislumbrou em sonho. Como mostra Schmitt, “o sonho foi um meio privilegiado de legitimação dos indivíduos, dos lugares, das crenças religiosas e das práticas sociais” (2007, p. 303). Assim, o que faz Seu Bento é usar seu sonho como elemento de instituição de sentido à medida que “um sonho não pode ser conhecido, não existe verdadeiramente, senão pelo relato que se faz dele” (SCHMITT, 2007, p. 304).

O sonho de Seu Bento e sua interpretação passam a compor a tessitura imagética das Covinhas, a qual se esboça a partir do retrato auferido como o legítimo. Essa avaliação é outro aspecto importante quando se considera que existem outras produções artísticas também expostas na parede, as quais também tentam representar as Meninas e seu cenário. Todavia, essas produções são consideradas ilegítimas, uma vez que resultam da experiência de terceiros que ou releram a tela original do retrato falado ou ressignificaram produções da indústria de massa<sup>10</sup>.

Com a tela se encerra o conjunto das produções iniciais, todavia, outras estruturas se acresceriam ao conjunto cova-cruzeiro-altar, que, durante muito tempo, ocupara a cena do santuário<sup>11</sup>. Não obstante, como a invenção da tradição não se produz num único momento, mas é objeto de constantes investimentos, a (re)invenção do santuário se prolonga por toda sua história. Cabe nesse sentido, por fim, mencionar apenas mais um incremento inventivo do espaço para, em seguida, passar às considerações de ordem mais simbólicas.

---

<sup>10</sup> Vale destacar que foi esse o retrato utilizado pelos ciganos na confecção de suas camisetas, mas embora eles tenham colocado a “imagem errada o que valia era o sentido” (CIGANO, 2009).

<sup>11</sup> Um livro de registros, no qual se registravam espontaneamente os milagres; a sala dos milagres, para guardar os ex-votos deixados pelos romeiros; e a mesa dos milagres, na qual era possível depositar os milagres em caixas de papelão decoradas.

Momentos atrás foi dito que as Covinhas se inserem ritualmente num arcabouço nominado *continuum da piedade popular*. Essa inserção é decisiva para os desdobramentos inventivos que marcam a inovação do santuário enquanto espaço e do culto enquanto prática, naquilo que Hobsbawn justifica quando expõe que “inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (2006, p. 12). Nesse sentido, se enraíza a constituição de uma nova estrutura (2008) no santuário: a sala de milagres, como invento que responde a um duplo pleito. Por um lado, para se completar no arcabouço do *continuum*. As Covinhas, à exemplo de tantos outros santuários populares frequentados igualmente por seus romeiros, precisava de um espaço organizado para publicizar seus feitos e acomodar as práticas que dele sucedem. Essa era uma demanda expressa pelos próprios romeiros, que viam nas Covinhas esse *deficit*. De outra face, o acirramento da disputa pelo santuário por parte da Igreja, termina por suscitar em Seu Bento, administrador do santuário, a elaboração de estratégias defensivas/ofensivas. Nesse ínterim, emerge não apenas a sala dos milagres, mas todo um conjunto de inovações e operações que cristalizam a *racionalização popular do santuário*. Enfim, do ponto de vista da inventividade do espaço e das práticas que a ele se associam é possível concluir que esse é um terreno em constante produção.

### **Considerações finais**

As Covinhas não constituem um local encerrado, com uma história definida e uma forma definitiva. Ainda que se busque apresentar as estruturas que estão lá e as funções que elas costumam cumprir não significa que elas são, foram e serão sempre assim. Com isso, mais do que conjunturas estáticas que possam ser inscritas na relativa permanência de um trabalho acadêmico, o que o campo aponta é a vitalidade de sentidos que estão expostos a um processo de atualização incessante. Isso porque, embora o santuário seja um *lugar* com suas coordenadas enraizadas, aqueles que o experimentam o fazem sob a ótica do *espaço*, no sentido de campo de ação dos sujeitos.



Com efeito, embora a devoção se dirija a personagens reconhecidas popularmente no santuário e até para além desse espaço, a forma como são acionadas é desde sempre precária. O enredo apresentado como fundante é constantemente alvo de reavaliações, de atualizações, as quais consideram referências e interesses em jogo na situação da devoção, de forma a engajar uma narrativa sempre implicada em relações sociais. Disso resulta que a “mesma história” pode ser recontada agregando novos sentidos em conformidade com expectativas daqueles que as contam.

Por outro lado, essa precariedade também se apresenta quando é possível perceber que a devoção às Meninas das Covinhas é um produto inventado no sentido de que sua emergência resulta de investimentos e operações muito concretas de sujeitos envolvidos na sua promoção. Seu Bento, por razões óbvias de articulação, é agente privilegiado nesse processo, todavia, o corpo de romeiros e outros sujeitos que se integram à empresa são tão responsáveis quanto o administrador do santuário na projeção do culto. As Covinhas, portanto, são um produto resultante de relações que colaboram cada qual à sua maneira de forma a definir as diversas fisionomias que a devoção costuma assumir.

## Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. **Romarias da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FREITAS, Eliane Tânia Martins. **Memória, cultos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do**

**Norte.** Rio de Janeiro: UFR, 2006. Tese (Doutorado), IFCS, Rio de Janeiro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições.” *In*: HOBBSAWN, Eric ; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens:** ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: EDUSC, 2007.

SEU BENTO, Raimundo Honório Cavalcante de Oliveira, entrevista feita por Pesquisadora. **As Meninas das Covinhas** (14 de Março de 2007).

SEU BENTO, Raimundo Honório Oliveira Cavalcante, entrevista feita por Pesquisadora. **As Covinhas e sua festa** (11 de Outubro de 2009).

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias.** Petrópolis: Vozes, 1996.